História de Empresas no Brasil: entre os desafios teóricos e os estudos de caso

Armando Dalla Costa[1]

> O historiador, pela própria natureza de seu trabalho, deve interessar-se pela mudança. O que favoreceu a mudança! Por que ela se deu em tal momento e de tal maneira! Para quem estuda a história das empresas nos Estados Unidos, essas perguntas podem ser um pouco mais precisas. O que no passado americano deu aos empresários a oportunidade ou criou-lhes a necessidade de mudar o que estavam fazendo ou o modo de fazê-lo! (CHANDLER, 1998, p. 19).

1. Introdução

As empresas existem para cumprir uma série de finalidades, sobretudo para resolver problemas práticos de nosso dia-a-dia, como produzir pasta e escova para escovarmos os dentes, fazer pão e manteiga para nosso café da manhã, fabricar camas, colchões, lençóis e cobertores para dormirmos melhor, carros para nos deslocarmos mais facilmente, e assim por diante.

Estudamos a história de empresas para "matar nossa curiosidade" a respeito da origem e desenvolvimento de tais conglomerados empresariais, assim como para entendermos o papel das firmas, tanto para a produção de mercadorias e riqueza, empregabilidade das pessoas, geração de impostos, e sua contribuição para o desenvolvimento econômico das nações.

No que se refere à curiosidade, basta mencionarmos alguns casos, como o da Nintendo, fundada em 1889 no Japão, para produzir cartas. Durante 67 anos esse foi o principal e único produto da gigante de videogames[2]. Foi só em 1974, no entanto, que os jogos eletrônicos apareceram na história da marca japonesa, com o lançamento de uma caixa chamada "Color TV Game Machine", desenvolvida em parceria com a compatriota Mitsubishi Electric. Sua primeira versão continha 6 jogos.

A Avon, foi fundada em 1886, nos EUA, por David H. McConnel, mas não com a intenção de criar uma companhia de produtos de beleza. Na verdade, ele era

---

[1] Doutor pela Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle). Pós-Doutor pela Université de Picardie, Jules Verne, Amiens (2008) e pela University of Illinois at Urbana-Champaign, US (2015-2016). Professor no Departamento de Economia e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná. Pesquisador de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Email: ajdcosta@uol.com.br

[2] Informações a respeito das empresas mencionadas a seguir, disponível em: http://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Empresa/noticia/2013/07/cinco-historias-que-voce-nao-conhece-de-grandes-empresas.html Acesso em 15 ago. 2016.

vendedor de livros que viajava oferecendo seus produtos de porta em porta. Quando fechava uma venda para uma mulher, costumava entregar um pequeno frasco de perfume como brinde. Com o tempo, reparou que sua clientela feminina estava mais interessada no "mimo" que recebia do que nos livros. Com essa percepção, fundou a Avon, em 1886 e, vendo que muitas mulheres “se entediavam em casa enquanto os maridos trabalhavam”, criou o sistema de vendas porta-a-porta, liderado por mulheres.

A Coca-Cola, foi fundada em 1892, nos EUA, por John Pemberton. Reza a lenda que ele pretendia desenvolver um novo tônico quando misturou aromatizante cor de caramelo com água gaseificada. Deu no que deu. No começo, a Coca-Cola era vendida na porta da farmácia onde Pemberton trabalhava, em Atlanta. O copo custava 5 centavos. No primeiro ano de criação da bebida, os ganhos ficaram em torno dos US$ 50, o que representava uma perda, já que o investimento para produzi-la era de mais de US$ 70. Se Pemberton não sabia como fazer sua criação se tornar um sucesso, outro farmacêutico sabia. Em 1897, Asa Candler fez uma oferta de US$ 2.300 pelo refrigerante. O acordo foi fechado e, menos de três anos depois, a Coca-Cola havia se tornado conhecida nos Estados Unidos.

Poderíamos elencar uma série de outros casos, também curiosos e interessantes... Voltando ao tema deste capítulo, lembramos que seu objetivo é apresentar o que foi feito em termos de pesquisa e divulgação da história de empresas no Brasil. Para dar conta do objetivo, o texto está organizado da seguinte maneira. Além da introdução, tem uma parte que discute o marco teórico inicial e o desenvolvimento das teorias que buscam explicar a história das empresas. A sequência apresenta a história das firmas tal como está sendo realizada no Brasil para continuar falando de estudos de caso sobre empresas e empresários. Menciona algumas referências tradicionais sobre a industrialização no Brasil para terminar falando das multinacionais que aqui atuam e das que aqui se constituíram e tornaram-se nas multilatinas descritas pela literatura recente. Nas conclusões, além de um breve balanço, o texto busca descrever uma agenda de trabalhos que permanecem pendentes e representam um futuro desafio para os pesquisadores desta área.

2 História de empresas: marco teórico inicial, desenvolvimento e novas perspectivas

A história de empresas não se apresenta como uma disciplina totalmente definida, mas como um campo de estudos híbrido, que se encontra enredado nas fronteiras epistemológicas da História, Economia e Sociologia (VALDALISO, LOPEZ, 2003, p. 37). Todavia, seu lócus preferencial, como buscaremos demonstrar neste capítulo, é como uma especialização da História Econômica, sem esquecer os diálogos necessários com a História Cultural e Social (BARBERO, 2006, p.153).

O objeto de estudo da história empresarial é justamente a análise das empresas e dos empresários em uma perspectiva histórica, desnudando suas estratégias de ação, os limites à sua intervenção e o meio institucional em que atuam ou atuaram. Rege a pesquisa a noção de que empresas e empresários não estão restritos à condição de objetos, mas assumem o papel de sujeitos históricos, que têm a possibilidade de se fazer presentes no processo de desenvolvimento econômico (BARBERO, 2006, p.153).

A definição de empresa, ou firma, que adotamos vem de Penrose ([1959], 2006, p. 61), que a compreende como "... um conjunto de recursos produtivos, humanos e materiais, cuja disposição entre diversos usos e através do tempo é determinada por decisões administrativas"[3]. A complementar esta definição podemos entender que as empresas são organizações guiadas pela busca do lucro, que possuem uma estrutura administrativa responsável por delinear uma estratégia econômica. Ademais, nas firmas vemos a formação de redes cooperativas; de rotinas produtivas, gerenciais e, mesmo jurídicas; o desenvolvimento de pesquisas, além da produção de bens e serviços, atributos que fazem da empresa um estoque de capacidades cognitivas, equipamentos materiais e capitais líquidos (BARBERO, 2006, p.154).

A história empresarial permite o estudo de uma firma a partir de um dos aspectos acima levantados. Por sua vez, o empresário pode ser observado em uma perspectiva micro que elucide sua trajetória individual e seus resultados no controle da empresa. Também pode ser a partir de uma visão macro que valorize, por exemplo, as relações do empresariado com outros grupos sociais, com o poder político e o

[3] O fato de adotarmos a definição de firma empregada por Penrose (1959) não significa que ignoremos outras definições da firma, como a de Marshall no trabalho *Industry and Trade*; a definição neoclássica de firma; a visão dos custos de transação com Coase em seu artigo *The nature of the firm* (1937); a definição da firma gerencial de Berle e Means (1932) em The Modern Corporation and Private Property. No entanto, entendemos que Penrose é a primeira autora a destacar a ação da firma não limitada a funções de produção predefinidas, tendo a autora o mérito de entender as empresas a partir de suas capacidades e recursos (FEIJÓ, VALENTE, 2004).

Estado (BARBERO, 2006, p.154). O estudo do empresário e dos condicionantes de sua atuação econômica, bem como sociopolítica, torna possível a desconstrução de versões hagiográficas sobre a história de empresas e de decisões tomadas a partir de uma lógica empresarial em que, muitas vezes, o empresário prescindia de sua ação (VALDALISO, LOPEZ, 2003, p. 41)[4]. A partir desta visão, a história empresarial pode aclarar pontos obscuros na trajetória econômica de empresários e suas firmas.

2.1 A evolução da História Empresarial e o marco teórico Chandleriano

O esforço intelectual no sentido de apreender a atuação das grandes empresas foi institucionalizado no mundo acadêmico norte-americano na década de 1920, quando a disciplina história de empresas passou a integrar os estudos da Graduate School of Business Administration da Universidade de Harvard, a partir de criação, no ano de 1926, da Business Historical Society (BHS) com o intuito de preservar os arquivos empresariais[5]. No ano posterior foi criada a primeira cátedra de história de empresas, sendo que, ainda em 1927, a BHS iniciou a publicação de um boletim que, a partir de 1954, transformou-se na Business History Review, atualmente o mais importante periódico norte-americano que aborda a história empresarial (BARBERO, 1993, p. 7).

A mesma Harvard foi onde se instalou Joseph Schumpeter em 1932 – permanecendo até sua morte em 1950 – impulsionando o estudo de firmas e empresários em uma perspectiva histórica. O aporte teórico de Schumpeter em sua obra *A Teoria do Desenvolvimento Econômico* ([1911], 1982, p. 43-66) realça o papel do empresário como inovador, o agente responsável por promover e/ou aprimorar produtos ou processos e, fundamentalmente, torná-los viáveis ao mercado. Estas inovações teriam preponderância no desenvolvimento econômico, compreendido como mudanças endógenas que retiram a economia de seu estado estacionário (fluxo

[4] No caso das biografias de empresários, é interessante notar que, muitas vezes são esclarecedoras e complementares à reconstrução histórica das firmas. Destacamos aqui apenas dois casos em que empresários descreveram sua atuação ao longo da carreira, uma vez que analisaremos outras biografias mais adiante. Um é o caso de Malczewski (2015), co-fundador da Bematech, mencionando acertos e erros ao construir uma firma. Outro é Sloan (2001) relatando seus anos como principal executivo da General Motors, durante os quais a firma transformou-se na maior montadora mundial.

[5] O desenvolvimento inicial da história de empresas nos Estados Unidos, sobretudo considerando-a como um ramo da história econômica, guarda relação com o vulto dos estudos econômicos na historiografia francesa da Escola dos Annales, principiando na década de 1930 com Bloch e Febvre e, atingindo a maturidade com Braudel, como demonstra Peter Burke em A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia.

circular) e a reorganiza. Para Schumpeter, este rearranjo constante da economia capitalista, com um rol de empresários inovadores a substituir indivíduos e processos produtivos obsoletos, seria sintetizado pelo conceito de destruição criadora (SCHUMPETER, [1942], 1984, p. 112-114).

No período que vai dos anos 1920 até a década de 1950, o debate da história empresarial em Harvard tinha nas bases lançadas por Schumpeter os parâmetros das análises. O foco recaía sobre o estudo dos empresários em uma perspectiva histórica, sua capacidade inovadora e a contribuição, ou não, destes agentes ao desenvolvimento econômico nacional. Para consolidar esta vertente, Schumpeter e o historiador Arthur Cole ajudaram na criação do Research Center in Entrepreneurial History (RCEH), na Universidade de Harvard, centro que funcionou entre 1948 e 1958, e que intentava promover e aglutinar os trabalhos sobre a função empresarial, considerando que desde a década de 1920 diversos estudos de caso haviam sido produzidos a partir de arquivos empresariais (BARBERO, ROCCHI, 2004, p. 105).

Na década de 1960 é que se constituiu o principal marco teórico que ainda hoje tem grande relevância nas análises de história de empresas em diversas universidades. Os trabalhos acadêmicos de Chandler na Universidade de Harvard, onde se graduou e obteve o título de doutor em História em 1952, foram fortemente influenciados pelos diálogos estabelecidos no âmbito do RCEH, que mesclavam à história empresarial os debates da sociologia funcionalista, com os trabalhos de Talcott Parsons. Esta influência fica evidente na trajetória intelectual de Chandler ao considerarmos sua busca por elaborar modelos explicativos do desenvolvimento das firmas.

No livro *Strategy and Structure* (1962), uma coletânea de artigos publicados entre 1956-1959, Chandler volta seu olhar para as mudanças administrativas realizadas nas grandes empresas norte-americanas nas décadas iniciais do século XX, mostrando que estas firmas multidivisionais constituíram estruturas administrativas descentralizadas, em que executivos (administradores) distribuem tarefas e coordenam o trabalho de gerentes e supervisores (executores). No diagrama de uma moderna empresa descentralizada, os executivos gerais e assessores técnicos situam-se no escritório central, a cúpula administrativa; abaixo se localiza o escritório de cada divisão, responsável por supervisionar os diversos departamentos (manufatura, vendas, compras, produção, engenharia, pesquisa, finanças...); e, na base, a estrutura tem as unidades de campo que dirigem uma fábrica, um escritório regional de vendas,

de compras, ou uma sucursal. Chandler aponta que o crescimento econômico das modernas empresas norteamericanas se fez junto a um rearranjo em suas estruturas administrativas, que permitiu a estas firmas atuarem dispersas geograficamente, englobarem novas funções (integração vertical) e se aproveitarem das oportunidades geradas pela pujante economia estadunidense.

Já em *The Visible Hand* (1977), o autor define o que vem a ser grande empresa moderna norte-americana: detentora de várias unidades operacionais distintas e administrada por uma hierarquia de executivos assalariados de primeira e segunda linha. Este modelo de empresa suplantara as firmas familiares pela sua maior eficiência gerencial e produtiva, que permitia internalizar atividades anteriormente designadas a outras empresas – como a produção da matéria-prima ou distribuição do produto –, possibilitando às firmas modernas libertarem-se dos mecanismos de mercado. Chandler demonstra que este modelo, inexistente nos Estados Unidos por volta de 1840, era predominante dentre as maiores empresas estadunidenses em meados do século XX, firmas estas compostas por diversos acionistas, milhares de empregados e com lucros bilionários. Esta forma de organização empresarial permitiu a reunião de enormes massas de capitais para a constituição de vultosas plantas industriais e de fortes conglomerados, por exemplo, dentre as empresas ferroviárias[6].

O peso destas empresas na economia norte-americana lhes permitia coordenar o fluxo de bens por meio dos processos de produção e distribuição, além da possibilidade de estocar ou levantar recursos financeiros e humanos para a produção e distribuição a médio e longo prazo. Dessa forma, a mão invisível que Adam Smith imputou às forças de mercado, que mantinha seu papel como fornecedora da demanda por bens e serviços, era substituída pela mão visível da moderna empresa comercial e de seus *managers*.

Por fim, no livro *Scale and Scope* (1990), faz um estudo de história comparada abordando o desenvolvimento industrial dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha baseando-se na análise das duzentas maiores empresas entre 1913-1973. Novamente,

---

[6] "... as ferrovias, com suas vultosas despesas de capital, seus custos operacionais fixos, seu grande contingente de mão-de-obra e pessoal administrativo, afora a complexidade técnica de suas operações, inauguravam novas formas de concorrência oligopolista e de gestão em escala, profissionalizada e burocratizada" (Chandler, Ensaios, 1998, p. 40). O artigo foi originalmente publicado na Business History Review, 33:1-31, Spring, 1959, e republicado em CHANDLER, Alfred. *Ensaios para uma teoria histórica da grande empresa*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 35-66.

o referencial teórico é o da grande empresa multidivisional e gerenciada por uma hierarquia de executivos de primeira e segunda linha. Estas firmas obtinham reduções de custo e usavam de maneira mais eficiente seus recursos através da adoção de economias de escala, escopo ou pela diminuição dos custos de transação. Porém, mais do que similaridades entre o desenvolvimento econômico destes países, o que Chandler evidenciou foi o predomínio do capitalismo competitivo gerencial dos Estados Unidos, apoiado na hegemonia da grande empresa moderna. Ao passo que, na Inglaterra ele via a dominância de um capitalismo pessoal permeado por firmas tradicionais que não conseguiam adotar o modelo multidivisional e multidepartamental estadunidense. Enquanto que, as firmas alemãs, em que pese a adaptação ao modelo norte-americano, apresentavam uma tendência aos acordos para controle de mercado, característica de um capitalismo gerencial cooperativo que carecia de acirrada concorrência, traço marcante das empresas estadunidenses que, no afã de superar suas congêneres, buscavam inovações produtivas e gerenciais que promoviam um maior desenvolvimento econômico daquele país frente às duas nações analisadas.

O método chandleriano de análise da história empresarial se calca em um processo indutivo: inicia pela reconstrução da trajetória das empresas tentando responder a algumas questões (que?, como?, quando?, onde? e porquê?); uma análise comparativa desta trajetória com a de outras firmas; e, a elaboração final de conceitos (BARBERO; ROCCHI, 2004, p. 106). Este modelo chandleriano, que ressalta o papel da grande empresa moderna no desenvolvimento econômico dos Estados Unidos, ainda tem muita relevância no campo acadêmico da história das firmas, justamente por fornecer aos estudos empresariais um importante referencial teórico caracterizado por ferramentais conceituais de vasta aplicação como: estratégia e estrutura, os modelos de organização empresarial e uma visão completa da relação entre empresas, empresários e os mercados, sobretudo se comparada à teoria neoclássica e sua visão de firma (BARBERO, 1993, p. 15)[7].Todavia, isto não impediu que algumas lacunas do modelo fossem expostas.

---

[7] A relevância das obras de Chandler para os estudos de Administração no Brasil ainda é considerável, pois, de 309 teses defendidas entre os anos 2000-2010, quase 15% (14,89) fizeram referências a alguma obra de Chandler, tendo o livro *Strategy and Structure* (1962) a maior recorrência de citações (OLIVEIRA, MASIERO, 2011).

2.2 Os Grupos Econômicos como explicação ao desenvolvimento industrial nos países emergentes

No campo da história de empresa[8], o paradigma chandleriano foi consolidando seu predomínio a partir da década de 1960, constituindo-se como síntese explicativa da ascensão das grandes empresas norte-americanas, que formavam a base da hegemonia econômica dos Estados Unidos àquela altura. Mas, pontos obscuros permaneciam neste modelo, em questões que foram pouco desenvolvidas, deixadas de lado por Chandler e/ou que tiveram uma explanação insuficiente: o olhar pouco atento às relações entre Estado – e suas políticas econômicas – e empresas; o menor peso analítico às firmas médias e pequenas, além das empresas familiares; e, a proclamação do modelo estadunidense de firma como paradigmático da modernidade e eficiência, pressuposto criticado na academia europeia desde os anos 1960 (TONINELLI, 1996, p. 25-46).

As críticas europeias ao paradigma chandleriano levaram os trabalhos de história de empresas elaborados naquele continente a valorizar aspectos como: formação das elites empresarias, das redes familiares e sociais, das redes empresariais, compreendendo a firma como um ambiente no qual, e partir do qual, são estabelecidas relações sociais. Ademais, foi enfatizada a importância das firmas familiares como modelo gerencial alternativo ao da grande empresa moderna chandleriana (BARBERO, ROCCHI, 2004, p. 107).

Ao mesmo tempo em que o atrelamento do modelo chandleriano como raiz explicativa do desenvolvimento das firmas estadunidenses não dava conta de circunstâncias características ao processo similar na Europa, estas incongruências se acentuavam quando se tentava compreender a trajetória das grandes empresas dos países emergentes, principalmente a partir de meados do século XX e início do XXI. Para tanto, uma nova forma de compreensão das grandes empresas foi se revelando desde a década de 1970, mas com maior difusão e estudos a partir dos anos 1990: as empresas organizadas enquanto grupos econômicos.

---

[8] Entendemos que a contribuição dos neoschumpeterianos/evolucionistas ao entendimento das firmas, como Nelson e Winter, volta-se mais ao processo de inovação empresarial e seu papel na dinâmica econômica, com conceitos extraídos da Biologia, como adaptação. Esta corrente teórica resgata o conceito de inovação e destruição criadora de Schumpeter, mas pouco dialoga com a visão chandleriana da história de empresas, não sendo a reconstrução histórica das firmas seu ponto principal (TIGRE, 1998).

Chesnais (1996, p. 74-75) aponta que os pesquisadores franceses buscaram um alargamento do conceito de grande empresa que pudesse abarcar firmas diversificadas e que atuavam em diversos setores e, por se tratar de grupos, haviam se tornado multinacionais com muitas subsidiárias espalhadas pelo globo e controladas pela matriz (holding).

Entretanto, segundo Colpan, Hikino e Lincoln (2010), os grupos econômicos se fizeram mais presentes como forma organizacional das empresas de economias hoje tidas como emergentes e, principalmente, na segunda metade do século XX e no começo e decorrer do século XXI, tendo um papel destacado no processo de industrialização de países como Brasil, Argentina, Chile, Coreia do Sul, China, Índia, México e outros. Apesar de não haver uma unanimidade em torno do conceito de grupo econômico, teve grande adoção por parte dos estudos de história empresarial que abordam as firmas enquanto grupos econômicos, a definição de Khanna e Yafeh:

Esses grupos normalmente compostos de empresas juridicamente independentes, que operam em várias indústrias (muitas vezes não relacionadas), que são ligados entre si por persistentes laços formais (por exemplo, patrimônio) e informais (por exemplo, família) (KHANNA e YAFHE, 2007, p. 331).

No início da década de 1990, Gonçalves (1991, p. 181) definiu os grupos econômicos de forma parecida à de Khanna e Yafeh, ao dizer que "o grupo econômico é definido como o conjunto de empresas que, ainda quando juridicamente independentes entre si, estão interligadas, seja por relações contratuais, seja pelo capital, e cuja propriedade (de ativos específicos e, principalmente, do capital) pertencente a indivíduos ou instituições, que exercem o controle efetivo sobre este conjunto de empresas".

Uma das vantagens do estudo das empresas a partir de sua definição enquanto grupos econômicos está na amplitude da análise da firma, que extravasa o modelo chandleriano e a teoria da firma de Penrose ([1959], 2006) ao não cercear sua expansão à formação de um corpo administrativo ou a decisões intra-firma de diversificação produtiva, ou seja, encerrando a expansão da empresa às relações firma-e-empresário e imputando a ele o sucesso, ou fracasso.

A análise dos grupos econômicos deve contemplar diversos aspectos intra e extra-firma, indicando para o relacionamento do grupo com seus concorrentes e o Estado, que pode ser um fomentador do crescimento industrial apoiando os grupos econômicos atuantes no país. Neste sentido, algumas diretrizes devem ser intentadas

ao contemplar a pesquisa com os grupos econômicos: como é a estrutura do grupo (grau de integração e diversificação de atividades); o tipo de propriedade e controle (familiar ou não; existência ou não de holdings); estratégias e capacidade de concorrência; a importância das redes sociais/relacionamento na formação e atuação do grupo; os vácuos institucionais (assimetria de informações, regulação inadequada, sistemas judiciais ineficientes); e suas relações com o Estado (marcos regulatórios, políticas públicas) (GRANOVETTER, 1995, p. 93-130; GRANOVETTER, 2005, p. 429-450; BARBERO, 2011, p. 3-5).

Valdaliso afirma que os grupos econômicos são formados por um grande número de empresas, geralmente sociedades anônimas, formalmente independentes umas das outras, que operam em diversos setores de atividades, porém sob o controle empresarial e financeiro de uma matriz, uma holding, um banco ou, simplesmente, de uma ou várias famílias. O autor vai mencionando outras características destes *business groups*, como o fato de o controle ser exercido através de uma parte do capital, raramente a totalidade. Ao mesmo tempo as famílias controladoras estão presentes nos Conselhos de Administração e/ou nos Conselhos Executivos das principais firmas do grupo (BORN, 2008). O autor menciona que "as empresas que fazem parte destes grupos geralmente têm um grande poder de mercado" (VALDALISO, 2002, p. 583). Por fim, Valdaliso (2002, p. 583) menciona que, em alguns casos, os business groups têm seu próprio banco ou mantêm uma relação muito próxima com determinadas instituições financeiras.

Para Guillén (2000 e 2001), os empresários criam business groups se as condições políticas e econômicas lhes permitem adquirir e manter a capacidade de combinar recursos – insumos, conhecimentos e mercados – para entrar em novos setores de atividades. A capacidade para combinar de forma rápida e eficiente estes recursos é genérica (na medida em que pode ser empregada para entrar em qualquer setor) e, ao mesmo tempo, muito específica de cada grupo. Inclui aspectos intangíveis: contatos, acesso a linhas de crédito privilegiadas e *know how*, e tangíveis: serviços, fatores e produtos, que podem proporcionar vantagens às empresas que já pertencem ao grupo.

3 História de empresas no Brasil

Como veremos ao longo do texto, a História de Empresas no Brasil se desenvolveu a partir da segunda metade do século passado. No entanto, ainda não

alcançou a maturidade, sobretudo do ponto de vista do desenvolvimento de uma teoria e metodologia próprias, como aconteceu nos Estados Unidos e Europa. Outros países da América Latina, com destaque para Argentina, Colômbia e México também tiveram um avanço significativo no estudo de empresas e grupos econômicos não conseguindo, a exemplo do que acontece aqui, entretanto, caminhar para o desenvolvimento de uma teoria e uma metodologia de análise própria e adequada para nossas realidades (exceção feita a tentativas teóricas de explicação dos business groups de países emergentes). Nos últimos anos algumas iniciativas possibilitaram o surgimento e a atuação de diversos grupos e instituições que estão contribuindo na construção de pesquisas e publicações em business history, como veremos a seguir.

3.1 Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica - ABPHE

Assim como no caso da Espanha (OLIVARES, 2008, P. 17-46) e de vários países da América Latina: Barbero (2008), para o caso argentino; Jacob (2008) analisando a experiência uruguaia; Marichal (2008) falando do caso mexicano; no Brasil, a constituição da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica também significou um marco para o avanço da História de Empresas. "A ABPHE foi fundada na Cidade de São Paulo no dia 10 de setembro de 1993, ao término do I Congresso Brasileiro de História Econômica e II Conferência Internacional de História de Empresas"[9]. O evento conjunto consolidou-se, ao longo do tempo, como um importante espaço de divulgação e debate da produção recente em história econômica e história das empresas.

No mesmo site consta a informação de que a Primeira Conferência Internacional de História de Empresas foi realizada em Niterói em 1991, sob a coordenação da Profa. Maria Bárbara Levy. Em 1993, ao se propor a realização do I Congresso Brasileiro de História Econômica, decidiu-se agregar a esse evento a Conferência Internacional de História de Empresas. Sua realização se fez principalmente por iniciativa do Prof. Tamás Szmrecsányi, em setembro de 1993 na FEA-USP, juntamente com a 2ª Conferência. Na sessão de encerramento daquele evento foi proposta e aprovada a fundação da ABPHE que teve, como seu primeiro presidente o Prof. Tamás Szmrecsányi. Desde então, os congressos e as conferências realizaram-se regularmente (primeiro, a cada três anos; depois, a cada dois anos).

[9] Página da ABPHE in: www.abphe.org.br/abphe-breve-historico. Acesso em: 26 maio 2016.

Dentro de cada módulo dos congressos e conferências, as pesquisas têm eleito alguns temas preferenciais, como podemos notar pelo exemplo da História de Empresas: a história de empresas tem como campo de pesquisa, trajetórias de firmas multinacionais na América Latina, inovação tecnológica, empresas de serviços públicos, estudos de casos.

Outro elemento importante tanto na divulgação das pesquisas realizadas em História de Empresas, como para a formação de futuros profissionais na área foi a constituição, desde 2002, do *Encontro de Pós-Graduação em História Econômica*, que reúne mestrandos, doutorandos e alunos de iniciação científica, com pesquisas no campo da História Econômica e História de Empresas. Este evento é promovido pela ABPHE a cada dois anos, no intervalo dos encontros de História Econômica & História de Empresas. O primeiro, de 2002, foi realizado na Unesp/Araraquara, seguido pelos de 2004, na UFF/Niterói e de 2006 na Unicamp/Campinas-SP. A partir de 2006, em Campinas o Encontro de Pós-Graduação em História Econômica passou a realizado bienalmente em conjunto com a Conferência Internacional de História Econômica, em que conferencistas internacionais divulgam pesquisas e problemáticas, especialmente apontando linhas para ensino e investigação em pós-graduação.

Assim como o *Congresso Brasileiro de História Econômica e a Conferência Internacional de História de Empresas*, os *Encontros de Pós-Graduação* também têm gerado interesse no meio acadêmico: o primeiro, realizado em Araraquara (FCL/UNESP) em 2002, contou com pouco mais de 50 trabalhos; em 2004, na UFF (Niterói) já foram apresentados mais de 80 textos; nos encontros que se seguiram – em 2006 na Unicamp (Campinas-SP) e em 2008, na FEA/USP (São Paulo-SP), – mais de cem trabalhos foram selecionados para inclusão nos eventos. Na sequência os encontros se realizaram na Unicamp, em 2010; na FEA e FFLCH da USP, em 2012; na UFF em 2014, quando foram selecionados 82 trabalhos e, por fim, em 2016, na FEA-USP onde foram apresentados 39 trabalhos de pós-graduação e 9 de iniciação científica (este evento foi realizado concomitantemente ao V Cladhe)[10].

[10] Além da organização dos congressos, a ABPHE deu outra contribuição importante para a história econômica e história de empresas através da publicação da revista *História Econômica & História de Empresas*. Esta publicação tornou-se a mais importante a nível nacional para divulgar trabalhos nestas duas áreas. Além das revistas surgiram, recentemente, sites que contribuem para divulgar a história econômica e de empresas, como o *Boletin Red de Estudios de História de Empresas*, cujos números podem ser consultados em: https://redhistoriaempresas.org

Ao longo dos 11 encontros da ABPHE, de 1993 a 2015 (Tabela 1) foram apresentados, na sessão *História de Empresas e História da Tecnologia*, 213 trabalhos, ou seja, uma média de 19,36 textos a cada congresso, com destaque para o encontro da Unicamp, em 2009, quando foram apresentados 29 artigos nesta sessão. Portanto, os congressos da ABPHE constituíram-se num espaço privilegiado de discussão e apresentação de resultados de pesquisa no que se refere à história de empresas.

Tabela 1 - Trabalhos apresentados nos congressos da ABPHE - 1993-2015

Período Tema	**I CBHE 2a CIHE 7-10/09/1993 São Paulo FEA/USP**	**II CBHE 3a CIHE 13-16/10/96 Niteroi UFF**	**III CBHE 4ª CIHE 29/08-01/09/1999 Curitiba UFPR**	**IV CBHE 5ª CIHE 2 a 05/09/2001 São Paulo FEA-USP**	**V CBHE 6ª CIHE 7 a 10/09/2003 Caxambu UFMG**	**VI CBHE 7ª CHIE 4 a 7/09/2005 Conservatória UFF, UFRJ, UFMG**	**VII CBHE 8ª CIHE 2 a 5/09/2007 Aracaju UFS**	**VIII CBHE 9ª CIHE 6 a 8/09/2009 Campinas UNICAMP**	**IX CBH 10ª CIHE 9/09/201 Curitib UFPR**
Brasil Colônia	17	(ii)	(iii)	9	16	16	15	23	17
Brasil Império	16	(ii)	(iii)	9	10	22	24	32	21
Brasil República	16	(ii)	(iii)	20	22	23	24	36	37
Brasil Pós-1930	18								
História Econômica Geral e Economia Internacional		(ii)	(iii)	18	15	16	16	21	19
História do Pensamento Econômico e Metodologia	4(i)	(ii)	(iii)	15	12	16	8	27	26
História de Empresas e História da Tecnologia	22	22	19	19	23(iv)	18	19	29	15
Total	**93**	**96**	**129**	**90**	**98**	**111**	**116**	**168**	**135**

(i) Debate Geral: 4.
(ii) O evento de 1996 foi organizado a partir da seguinte distribuição de temas: História Agrária: 22; Urbanização e industrialização: 25; Economia Internacional: 4; História de Empresas: 22; Políticas Públicas e Finanças: 14; História do Pensamento Econômico: 9 (Anais do evento em 5 volumes).
(iii) O evento de 1999 foi organizado a partir da seguinte distribuição de temas: Economia Agrária: 21; Economia Urbano Industrial: 17; Economia Internacional: 21; Economia do Trabalho: 17; Políticas Governamentais e Finanças: 21; História de Empresas: 19; Pensamento Econômico no Brasil: 7; Metodologia da História Econômica: 6.
(iv) No congresso houve duas sessões de Brasil República/Indústria. Se os trabalhos destas duas sessões forem contados em História de Empresas, acrescentam-se oito trabalhos e retiram-se os mesmos oito de Brasil República.
(v) Neste congresso foram apresentados 19 posters de Iniciação Científica, dentre os quais 5 tratavam de História de Empresas.
(vi) As sessões deste congresso foram organizadas a partir dos seguintes temas: Brasil e América Latina Coloniais: 6; Brasil e América Latina séculos XIX: 28; Brasil e América Latina Séculos XX e XXI: 32. As demais sessões seguiram os mesmos nomes.
Fonte: Elaboração própria a partir dos anais e cadernos de resumos dos congressos da ABPHE.

Atualmente a ABPHE é integrante da Associação Latino-Americana de História Econômica (CLADHE) e da Associação Internacional de História Econômica (IEHA). Além disso é filiada à Associação Internacional de História Econômica desde 1996 e desenvolve atividades com as demais associações latinoamericanas.

3.2 Congresso Latinoamericano de História Econômica – CLADHE

A nível continental, a partir de 2007 começaram a ser organizados os Congressos Latinoamericanos de História Econômica. Estes eventos são importantes tanto para congregar pesquisadores latinoamericanos, norteamericanos e europeus como para discutir questões teóricas e analisar casos práticos de história de empresas. Os Congressos Latinoamericanos de História Econômica foram concebidos e são organizados pelas oito Associações de História Econômica dos países da América Latina[11]. O primeiro encontro foi realizado em dezembro de 2007 em Montevidéu (Uruguai). O segundo foi organizado na cidade do México (México), em 2010. O terceiro em Bariloche (Argentina), em 2012. O quarto na cidade de Bogotá (Colômbia) e o quinto foi realizado na Universidade de São Paulo (Brasil), em julho de 2016.

A partir do evento de Bariloche foi proposto um Simpósio intitulado: *Investimento Direto Estrangeiro e Empresas Multinacionais na América Latina (1900-2010)*, no qual foram aprovados e apresentados 17 textos de história de empresas. No IV Cladhe, em Bogotá, no mesmo simpósio foram aprovados e apresentados 15 textos, enquanto no Cladhe V (19 a 21 de julho de 2016), na USP foram aceitos e apresentados 16 trabalhos. Para termos uma ideia da participação internacional, dos artigos apresentados na USP, neste simpósio, 5 eram provenientes de autores brasileiros; 4 de pesquisadores argentinos; 4 foram escritos em co-autoria entre pesquisadores de nacionalidades diferentes: um de autoria Brasil-Espanha; um de autor brasileiro e norte americano; um de professores do Peru e Reino Unido; um de autores do Uruguai e Brasil. Outros três de autores da Venezuela, Espanha e Estados Unidos.

---

[11] Associación Argentina de Historia Económica; Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica; Associación Chilena de Historia Económica; Associación Colombiana de Historia Económica; Associación de Historia Económica del Caribe; Associación Mexicana de Historia Económica; Associación Peruana de Historia Económica; Associación Uruguaya de Historia Económica.

No V Cladhe (USP-2016) foram organizados 4 simpósios ligados à temática da história empresarial: i) História Bancária da América Latina: a formação de bancos nacionais e bancos centrais (séculos XIX e XX), organizado por Carlos Marichal (Colégio do México) e Thiago Gambi (Unifal-MG), com 22 trabalhos; ii) Investimento Direto Estrangeiro e Multinacionais na América Latina (1900-2014), organizado por Armando Dalla Costa (UFPR-Brasil), Norma Lanciotti (UNR-Argentina) e Martin Monsalve Zanatti (UP-Peru), com 16 trabalhos; iii) Empresas e financiamento público e privado, seu impacto no desenvolvimento econômico latinoamericano no longo prazo, organizado por Maria Eugenia Romero Ibarra (UNAM-México), Javier Moreno Lázaro (Universidad de Valladolid-Espanha), Etna Mercedes Bayona Velásquez (Universidad del Magdalena-Colômbia), com 14 trabalhos e; iv) História empresarial comparada e historiografia da empresa na América Latina: Colômbia, Centro América e México, 1850-1950, organizado por Joaquin Viloria de la Hoz (Banco de la República-Colômbia), Luis Anaya Merchant (Universidad Autónoma-México), com 13 trabalhos, totalizando 65 textos relacionados com história de empresas[12].

3.3 Workshop Empresa, Empresários e Sociedade - WEES

A rede de pesquisadores *Empresa, Empresários e Sociedade* reúne mais de 120 investigadores das ciências sociais e de áreas afins que analisam o universo empresarial em suas diversas dimensões e em interrelações com a esfera política, econômica e social. Tais pesquisadores encontram-se periodicamente para aprofundar o debate científico e ampliar a divulgação de pesquisas realizadas no país e no exterior.

A décima edição deste workshop deu sequência a uma série de reuniões científicas realizadas ao longo dos últimos 20 anos por um grupo de pesquisadores que investigam as firmas a partir da perspectiva das ciências sociais. Esta rede tem como objetivo promover o debate interdisciplinar e aprofundar o conhecimento empírico e teórico acerca das empresas e organizações empresariais e de suas relações com a sociedade contemporânea.

Os encontros bianuais que acontecem desde 1998 e reúnem pesquisadores de Sociologia, Ciência Política, Antropologia, Economia, História, Administração... têm

[12] Fonte: Caderno de Programação do V Cladhe. ABPHE/FEA-USP, 19 a 21 de julho de 2016, 100 p.

como objeto de suas pesquisas os agentes econômicos, as empresas e os empresários em perspectiva histórica e conjuntural, contemplando tanto questões teóricas e metodológicas das Ciências Sociais, quanto injunções políticas e econômicas da realidade atual.

A diversidade institucional dos membros da rede se evidencia na circulação do WEES por várias universidades. Em 1998 e 2000, pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense organizaram as primeiras edições do evento que definiram a natureza da rede e propiciaram a continuidade da realização dos workshops ao longo do tempo.

O primeiro evento ocorreu em 1988, organizado por pesquisadores da UFRJ e da UFF e representou o mapeamento dos estudos realizados no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais sobre a inserção dos empresários na conjuntura de consolidação democrática e de liberalização econômica brasileira. O segundo workshop, realizado na Universidade Federal Fluminense, priorizou estudos que enfocavam a globalização e seus reflexos sobre as firmas. Além dos pesquisadores brasileiros, o evento contou com palestrantes do Chile, México, França e Itália. As demais edições ocorreram em 2002 na Universidade Federal do Paraná; em 2004, na Universidade Federal de Juiz de Fora; em 2006, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; em 2008 na Universidade Federal Fluminense; em 2010, na Universidade Federal de Santa Catarina; em 2012, na Universidade Federal do Paraná, com participação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná; em 2014, na Universidade Federal Fluminense. Em 2016, o evento retornou a Porto Alegre, desta vez organizado e realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o tema: “Tempos de turbulência e estagnação”.

Os eventos sempre se caracterizaram pela diversidade teórica e institucional de seus participantes, inclusive estrangeiros, e pela presença e participação de agentes públicos ligados às atividades relacionadas às empresas, bem como dos próprios empresários. Seu formato de *workshop* permite a todos os participantes, sejam ou não do meio acadêmico, uma intensa troca de informações e a atualização nos resultados de pesquisas e nos debates teóricos e metodológicos associados às empresas, aos empresários e sua inserção na economia, na sociedade e na política. Como forma de dar continuidade e fomentar o desenvolvimento deste campo de pesquisa, o evento comporta uma sessão especialmente voltada para jovens pesquisadores.

Os trabalhos apresentados nas edições anteriores dos *workshops* resultaram na publicação de vários livros e artigos em revistas. Os livros publicados foram: Ana Maria Kirschner e Eduardo R. Gomes (Orgs.). *Empresa, Empresários e Sociedade*, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1999; Ana Maria Kirschner; Eduardo R. Gomes; Paola Cappellin. (Orgs.). *Empresa, empresários e globalização*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002; Wagner T. Iglecias; Maria Antonieta P. Leopoldi; Wagner Pralon Mancuso (orgs.) *Estado, empresariado e desenvolvimento no Brasil. Novas teorias, novas trajetórias*. São Paulo, Editora de Cultura, 2010.

Em 2008, com trabalhos apresentados na edição do *workshop* deste mesmo ano, foi publicado o dossiê: *As empresas e as Ciências Sociais na crise da modernidade*, no volume 18, número 31 da *Revista de Sociologia e Política*. Em 2010, a revista *Política & Sociedade*, volume 9, número 17 publicou o dossiê: *Empresariado, Estado e Poder*, com artigos resultantes dos trabalhos apresentados na edição deste mesmo ano do *Workshop*, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina. Em suma, as edições do evento vêm resultando em publicações que divulgam com agilidade a produção dos pesquisadores que delas participam, fazendo com que suas contribuições possam ser utilizadas por todos os interessados.

Por fim, como os eventos admitem a participção de mestrandos e doutorandos, contribuem para a formação de futuros pesquisadores no âmbito da história de empresas.

Merece ainda destaque, para o avanço das pesquisas e publicações em Business History, o *First World congress on Business History*, cujo tema foi: Business History around the World: Today & Tomorrow. O evento foi organizado junto com o 20th Congress of the European business History Association e ocorreu em Bergen, na Noruega, entre os dias 25 a 27 de agosto de 2016. Quase como um retrato do que ocorre com a história de empresas na América Latina, só havia um representante do Brasil, mas vários participantes de outros países, como Argentina, Chile, Colômbia, Peru e, sobretudo, do México. O evento contou com a seleção e apresentação de 242 trabalhos, todos na área de Business History[13]. O próximo congresso deste grupo será realizado no Japão, em 2020.

[13] Fonte: Caderno de Programação do First World Congress on Business History & 20th congress of the European Business History Association, University of Bergen, 55 p.

4. Estudos de casos sobre empresas e empresários no Brasil

As biografias de personalidades tornaram-se um filão para escritores e editoras no mundo todo e o mesmo fenômeno repete-se no Brasil[14]. É comum encontrarmos nas livrarias, assim como online, uma grande quantidade de novas biografias retratando trajetórias de firmas individuais e/ou de seus principais empreendedores. Neste caso, existe um pouco de tudo, desde estudos encomendados que geralmente servem mais para destacar o papel dos próprios líderes empresariais, assim como biografias de excelente qualidade, que reconstróem a vida dos empreendedores e suas firmas contextualizando-as no momento histórico em que surgiram e se desenvolveram.

No caso brasileiro há uma série de estudos desde o período colonial até o momento atual. Do ponto de vista da importância dos empreendedores, podemos destacar o barão de Mauá, no tempo do império e do conde Matarazzo, na Primeira República. Irineu Evangelista de Souza (1813-1889), o visconde de Mauá foi industrial, banqueiro, político e diplomata, símbolo dos capitalistas empreendedores do século XIX. Iniciou seus negócios em 1846 com uma pequena fábrica de barcos em Niterói dando início a uma carreira que o tornaria o maior industrial do país. Atuava na produção de caldeiras para máquinas a vapor, engenhos de açúcar, gruas, prensas, armas e tubos para canalização de águas. Foi pioneiro no campo dos serviços públicos, organizou companhias de navegação a vapor desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas. Em 1852 construiu a primeira ferrovia brasileira entre Petrópolis e o Rio de Janeiro. Em sociedade com capitalistas ingleses e plantadores de café de São Paulo, participou na construção da Recife e São Francisco Railway Company, a Companhia Ferroviária Dom Pedro II (atual Central do Brasil) e a São Paulo Railway (Santos-Jundiaí). Foi responsável pela instalação dos primeiros cabos telegráficos ligando o Brasil à Europa. No final da década de 1850 fundou o Banco Mauá, com filiais em várias capitais brasileras, além de Londres, Nova York, Buenos Aires e Montevideo. Liberal, abolicionista e contrário à Guerra do Paraguai, tornou-se *persona non grata* no Império. Suas fábricas, assim como o Banco Mauá foram à

[14]Em texto anterior, fizemos uma discussão mais pormenorizada sobre esta questão. Ver DALLA COSTA, Armando. La historia de empresas en Brasil en el comienzo del Tercer Milenio. In: BARBERO, Maria Ines e JACOB, Raúl (orgs.). *La nueva historia de empresas en América Latina y España*. Buenos Aires: Tema Editorial, 2008, p. 83-108.

falência e ele foi obrigado a vender tudo para quitar as dívidas[15], mantendo apenas seus bens no Uruguai[16].

Outro expoente da industrialização brasileira foi Francesco Antonio Maria Matarazzo, nascido em castellabate em 9 de março de 1854 e falecido em São Paulo em 10 de dezembro de 1937. Foi este empresário ítalo-brasileiro que criou o maior complexo industrial da América Latina no início do século XX.

Chegando ao país aos 27 anos, iniciou atividades com uma empresa de produção de banha de porco em Sorocaba, no interior de São Paulo. Em 1890 mudou-se para a capital do estado onde fundou, com seus irmãos Giuseppe e Luigi, a empresa Matarazzo & Irmãos. Em 1891 esta empresa foi substituída pela Companhia Matarazzo S.A. que, além dos irmãos, contava com outros 43 acionistas minoritários.

Em 1900 o fundador conseguiu financiamento do London and Brazilian Bank para construir um moinho em São Paulo. Desde então, suas atividades empresariais se expandiram e ele chegou a contar com 365 fábricas no Brasil. A renda bruta do conglomerado era a quarta maior do país e, 6% da população de São Paulo dependia de suas fábricas que, em 1911, passaram a chamar-se Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, uma sociedade anônima[17].

Após a crise de 1929, tanto os empreendedores como suas empresas diversificaram-se e aumentaram muito no Brasil. A partir de então, muitas iniciativas podem ser mencionadas para entender tanto as próprias firmas como seus empreendedores. Entre os diversos autores podemos mencionar Marcovitch (2003, 2005 e 2007)[18] que fala dos "pioneiros e empreendedores" na segunda metade do século XIX a meados do século XX. Outra atividade desenvolvida na Universidade de São Paulo foi coordenada por Cleber Aquino e ficou conhecida como *História*

---

[15] Entre os diversos escritos sobre o barão de Mauá, recomendamos o livro de Jorge Caldeira: *Mauá: Empresário do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

[16] Para uma visão das diversas facetas deste empreendedor ver o texto de Ricardo Timm de Souza e Nelson Costa Fossatti (orgs.). *Mauá: Paradoxos de um visionário. Obra comemorativa dos 200 anos de nascimento do visconde de Mauá*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2013.

[17] Assim como no caso de Mauá, a biografia de Francisco Matarazzo foi pesquisada e publicada por diversos autores. Entre eles indicamos o ótimo texto de Ronaldo da Costa Couto. *Matarazzo. A travessia*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004, vol. I e *Matarazzo. Colosso brasileiro*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004, vol. II, no final dos quais o autor resgata a bibliografia mais significativa sobre o empresário.

[18] Jacques Marcovitch (2003, 2005, 2007), com estes três volumes, traça um perfil dos principais empreendedores brasileiros neste período. Menciona, ainda, a trajetória de algumas famílias e fala da preservação de documentos que possibilitaram o surgimento de vários centros de memória empresarial. No site www.usp.br/pioneiros, além das resenhas dos textos pode-se acessar a documentação iconográfica de cada empreendedor mencionado na coleção.

Empresarial Vivida: Depoimento de Empresários Brasileiros Bem Sucedidos, organizada e realizada na FEA/USP a partir de 1985. Neste programa foram incluídos depoimentos dos principais empresários contemporâneos, que foram publicados em livros[19] e servem como acervo para o conhecimento e pesquisa sobre as empresas contemporâneas.

Além das já mencionadas biografias de Mauá e Matarazzo, existe uma série de outros autores que colaboram no entendimento dos empreendedores brasileiros e suas firmas. Destacamos os textos de Fernando Morais pela reconstituição que faz de seus personagens, inserindo-os no contexto histórico nacional. Em *Chatô. O rei do Brasil* (1994), Morais resgata o histórico de um dos maiores empreendedores nacionais no setor das telecomunicações. Assis Chateaubriand começou com diversos jornais, conhecidos como *Diários Associados*, continuou com a atuação no rádio, montando diversas rádios nas décadas de 1940 e 1950 consideradas o "peíodo de ouro do rádio" e complementou seu império no ramo das comunicações trazendo a televisão para o Brasil.

Já com *Montenegro* (2006) Morais faz a reconstituição histórica do general responsável pela implantação do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, escola que vem formando sistematicamente turmas de engenheiros aeronáuticos desde o início dos anos 1950. Graças às pesquisas desenvolvidas nesta escola, assim como pela contribuição de seus ex-alunos, surgiu a Embraer[20] que colocou o Brasil entre as grandes potências mundiais na fabricação de aeronaves[21].

Há uma série de outros autores que trabalharam com arquivos e fontes primárias que colaboram para o entendimento do desenvolvimento industrial no Brasil, com diferentes enfoques. Suzigan (2000), além de resgatar as teorias que

---

[19] Por exemplo, num dos textos, volume V: Aquino, Cleber (comp.). *História Empresarial Vivida: Depoimentos de Empresários Brasileiros bem Sucedidos*. São Paulo: Atlas, 1991, foram publicados os depoimentos de Norberto Odebrecht, Leon Feffer, Sheun Ming Ling e Attilio Fontana.

[20] Para um histórico da Embraer ver, entre outros, Rodengen, Jeffrey L. *The history of Embraer*. N.P.:Write Stuff (Sic) Enterprises, Inc., 2009; Silva, Ozires. *A decolagem de um grande sonho: a história da criação da Embraer*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. FURTADO, Paulo. *História da Embraer*. São Paulo: Embraer, 2006; MATTOS, Bento. *História da Embraer*. São Paulo: Embraer, 2006; SERRA, Paulo R. *História da Embraer*. São Paulo: Embraer, 2006; SILVA, Ozires. *A decolagem de um sonho*: *a história da criação da Embraer*. São Paulo: Lemos Editorial, 2005; SILVA, Ozires; FISCHETTI, Decio. *Casimiro Montenegro Filho*: *a trajetória de um visionário, vida e obra do criador do ITA*. São Paulo: Bizz Editorial, 2006.

[21] Para um debate mais amplo sobre a importância das biografias, dos arquivos e fontes para a história empresarial pode-se consultar, entre outros, Dalla Costa, Armando. História e historiografia empresarial: acesso e utilização de arquivos e fontes. In: Dalla Costa, Armando; Graf, Márcia (orgs.). *Estratégias de desenvolvimento urbano e regional*. Curitiba: Juruá, 2004.

buscam explicar o início da industrialização no país, retrata a trajetória dos diversos setores empresariais no final do Império e da Primeira República.

Dean (1971) e Silva (1995) destacam a contribuição do café, tanto no desenvolvimento industrial do estado de São Paulo como do Brasil. Estes trabalhos pioneiros geraram, em seguida, uma série de outras pesquisas relacionadas com o tema do café e a industrialização do país.

Werner Baer foi um autor de destaque nos estudos a respeito da industrialização do país. Além de uma série de artigos e capítulos de livros e organização de conferências internacionais, escrevou dois destacados livros sobre o assunto. O primeiro: *The Development of the Brazilian Steel Industry*[22], no qual fala sobre o desenvolvimento tardio desta indústria no país que se deu, sobretudo, depois da Segunda Guerra Mundial. O autor analisa o impacto da indústria do ferro e aço na economia brasileira, sua produtividade e a eficácia dos custos de produção. Ele também discute a eficiência do padrão de localização desta indústria e projeta o padrão futuro de oferta e demanda para o aço brasileiro no mercado mundial. Sua análise baseia-se em fontes primárias, em dados estatísticos oficiais, consultados e organizados na sua permanência no país entre 1965 e 1968.

O segundo texto: *A Industrialização e o Desenvolvimento Econômico no Brasil*[23], foi reeditado diversas vezes. Nele, o autor afirma que "foi somente depois da II Guerra Mundial que o Brasil empenhou-se em um surto de industrialização deliberado, geral e continuado, que alterou acentuadamente a estrutura de sua economia" (BAER, 1988, p. 9). O objetivo deste volumoso livro é examinar o processo de industrialização do Brasil, com destaque para o período que se inicia na década de 1940. O autor trata, no entanto, das fases prévias de industrialização, que tiveram sua origem ainda no final do século XIX, até no final da primeira década do século XXI. Destaca a importância e a influência da industrialização no processo de desenvolvimento econômico nacional.

Explorando fontes primárias, além de fazer um resgate historiográfico, outros trabalhos destacam o desenvolvimento da industrialização brasileira a partir setores

---

[22] BAER, Werner. *The Development of the Brazilian Steel Industry*. Nashville, Tennessee: Vanderbilt University Press, 1969, 202p.

[23] BAER, Werner. *A Industrialização e o Desenvolvimento Econômico no Brasil*. 7.ed. aumentada. Rio de Janeiro: FGV,1988 (Tradução de Paulo de Almeida Rodrigues), 665p.

empresariais, como o trabalho de Saes (2010)[24]. As disputas analisadas entre empresas de capital nacional, a Companhia Brasileira de Energia Elétrica e internacional, a Light, nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador aconteceram num período decisivo para a formação do capitalismo brasileiro. Como destaca o autor, as disputas entre as empresas, nas duas primeiras décadas do século XX, tinham como objetivo assumir um setor novo e estratégico para a urbanização e industrialização das principais cidades brasileiras: o provimento da energia elétrica, tanto para a tração dos bondes, mas sobretudo para fins industriais.

O sistema ferroviário foi um dos temas bastante estudados na historiografia de empresas brasileira. Merecem destaque, os já clássicos trabalhos de Saes (1981 e 1986), apresentando um apanhado geral da situação das ferrovias no estado de São Paulo, desde a segunda metade do século XIX até meados do século XX[25]. Seguem-se outros trabalhos mais recentes, como o de Guilherme Grandi: *Estado e Capital Ferroviário em São Paulo. A Companhia Paulista de Estradas de Ferro entre 1930 e 1961*, que tornou-se um livro de referência para a compreensão das empresas ferroviárias[26]. Na apresentação do texto, destaca-se que, partindo da análise sobre o início do estabelecimento da infraestrutura terrestre em São Paulo durante o período colonial, o autor avança na cronologia histórica ao discutir a origem e a implantação da Cia. Paulista, a política e a legislação ferroviária, os Planos Nacionais de Viação e os diversos conflitos de interesses envolvendo o Estado brasileiro, os dirigentes da Paulista e seus funcionários[27].

Há ainda uma série de outros trabalhos gerais, entre os quais destacamos a contribuição de Colin Lewis (1999), com seu texto em que analisa a história empresarial do Brasil, desde meados do século XIX até meados do século XX ou seu outro trabalho (Lewis, 2002) onde estuda este mesmo fenômeno na América Latina.

---

[24] Saes, Alexandre M. *Conflitos do capital. Light versus CBEE na formação do capitalismo brasileiro (1898-1927)*. Bauru: EDUSC, 2010.

[25] SAES, Flávio. *As ferrovias de São Paulo 1870-1940*. São Paulo: Hucitec, 1981 e SAES, Flávio. *A grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira*. São Paulo: Hucitec, 1986.

[26] GRANDI, Guilherme. *Estado e capital ferroviário em São Paulo: A Companhia Paulista de Estradas de Ferro entre 1930 e 1961*. São Paulo: Alameda, 2013.

[27] Outros autores trabalharam o tema das ferrovias, como GOULARTI FILHO, Alcides; QUEIROZ, Paulo (orgs.). *Transporte e formação regional: contirbuições à história dos transportes no Brasil.* Dourados: Editora da UFGD, 2011. GOULARTI FILHO, Alcides. *Portos, ferrovias e navegação em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. QUEIROZ, Paulo. *Uma ferrovia entre dois mundos: a E.F.Noroeste do Brasil na primeira metade do século XX*. Bauru: Esusc; Campo Grande: Edditora da UFMS, 1999. No final destes textos encontra-se uma ampla bibliografia sobre o tema das ferrovias e do transporte em geral no Brasil.

Houve também trabalhos coletivos a partir de pesquisas organizadas pelo IPEA – Instituto de Planejamento Econômico e Social e INPES – Instituto de Pesquisas que desenvolveram uma coleção de trabalhos sobre a industrialização no Brasil. Destacamos aqui, aleatoriamente, um destes trabalhos, a "monografia n. 28", coordenada por Wilson Suzigan e intitulada *Indústria: política, instituições e desenvolvimento*, contendo oito capítulos , retratando a situação da indústria nacional até a década de 1970. Fala sobre a formulação da política industrial, a política tecnológica, o desempenho da indústria nos anos 1970, o padrão de crescimento entre as grandes empresas do setor, a questão da absorção da mão-de-obra pela indústria e a indústria de bens de capital.

Realizaram-se também Fóruns Nacionais para debater a industrialização, como o *Fórum Nacional Ideias para a Modernização do Brasil*. Num dos encontros foi discutida A Nova Estratégia Industrial e Tecnológica: O Brasil e o Mundo da III Revolução Industrial. Tais debates foram publicados num livro com o mesmo título, coordenado por João Paulo dos Reis Velloso que tratou de organizar e sistematizar ideias para uma estratégia industrial e tecnológica, assim como de uma política econômica e estratégia industrial. Descreveu, ainda, as diretrizes de uma política científica e tecnológica e o papel da pesquisa científica no desenvolvimento industrial. Tratou, por fim, dos novos padrões tecnológicos, da competitividade industrial e dos novos vetores tecnológicos, tais como a microeletrônica, os novos materiais e a biotecnologia.

Na década de 1990 realizou-se um estudo sobre a competitivdade da indústria brasileira, coordenado por Luciano Coutinho e João Carlos Ferraz e viabilizado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. O estudo diagnosticou a competitividade da indústria nacional, identificou limitações e potencialidades de práticas competitivas nas empresas, delineou estratégias e sugeriu linhas de ação e instrumentos para enfrentar e superar os desafios industriais. Transformou-se num processo direto de discussão com os atores sociais relevantes para a competitividade: empresários, trabalhadores, autoridades governamentais, servidores públicos e acadêmicos.

No livro de Coutinho e Ferraz (1995) foram divulgados alguns resultados deste trabalho, mencionando a dimensão sistêmica da competitividade, assim como as infra-estruturas necessárias para sua implementação. Destacou-se a dimensão empresarial da competitividade, falando sobre o novo modelo de empresa, as estruturas vitoriosas e as deficiências nas firmas nacionais. Mencionou-se ainda a

dimensão estrutural da competitividade, assim como as diretrizes para o desenvolvimento competitivo da indústria brasileira.

Ferraz, Kupfer e Haguenauer (1997) em *Made in Brazil. Desafios competitivos para a indústria*, aproveitaram o estudo sobre a competitividade da indústria brasileira realizado entre 1992 e 1993 para explorar uma multiplicidade de fatores que influenciam o desempenho competitivo de empresas e setores industriais no país. No projeto foram selecionados para análise 34 setores, responsáveis por cerca de 50% da produção industrial. Tendo como referência as melhores práticas internacionais, estes estudos avaliaram o desempenho das empreas brasileiras e os fatores determianates da competitividade.

Wilson Cano (1985) apresenta uma visão geral da industrialização no Brasil entre 1930 e 1970. Ele divide este tempo em dois sub-períodos, o de 1930 a 1955, quando se altera o padrão de acumulação de capital e ingressamos no processo de industrialização 'restringida' e, a fase de 1956-1970 quando o padrão se altera pela implantação dos setores industriais produtores de bens de produção e de consumo durável, a chamada industrialização 'pesada'.

5. Obras de referência sobre a industrialização no Brasil

Já diversos autores elaboraram listas de livros de Pensadores do Brasil, enumerando obras que se tornaram clássicas para entender o país. O mesmo exercício repetiu-se para "entender a industrialização brasileira", como nos lembra Suzigan (2000), em cujo texto nos inspiramos para a relação que segue e apresenta uma listagem de obras que colaboram para entender a industrialização do país até a virada do século XX para o XXI.

Sobre a evolução da indústria no Brasil, há uma ampla bibliografia que trata de aspectos políticos, institucionais, econômicos, de política econômica, tecnológica, regionais, de financiamento e de relações internacionais. Recomendam-se três textos gerais, a saber: Wilson Suzigan, *Indústria Brasileira: Origem e Desenvolvimento*, editora Brasiliense, São Paulo, 1986; Pedro Malan, Rogério Regis Bonelli, Marcelo Abreu e José Eduardo de Carvalho Pereira, *Política Econômica Externa e Industrialização no Brasil, 1939/52*, IPEA/INPES, Rio de Janeiro, 1977; Regis Bonelli, *Ensaios sobre Política Econômica e Industrialização do Brasil*, SENAI/CIET, Rio de Janeiro, 1995.

Suzigan (2000) agrega outros textos, destacando: *Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira*, coordenado por Luciano Coutinho e João Carlos Ferraz, Papirus/Unicamp, 1994; *Made in Brazil. Desafios Competitivos da Indústria Brasileira*, de João Carlos Ferraz, David Kupfer e Lia Haguenauer, Campus, Rio de Janeiro, 1995; *Em Busca do Futuro: Competitividade no Brasil*, compilado por Carlos Aníbal Nogueira da Costa e Carlos Alberto Arruda, Campus, Rio de Janeiro, 1999; *Competitividade: fatores sistêmicos e política industrial. Implicações para o Brasil*, de Mário Possas, in Antonio Barro de Castro e Adriando Proença (orgs.), *Estratégias Empresariais na Indústria Brasileira: Discutindo Mudanças*, Forense Universitário, Rio de Janeiro, 1996; *Política e Industrialização Brasileira*, de Maria Antonieta Leopoldi, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2000.

A respeito dos impactos da abertura comercial sobre a indústria, destaque para o trabalho de Maurício Mesquita Moreira: *A Indústria Brasileira nos anos 1990. O que já se pode dizer?*, in F. Giambiagi e M. Moreira (orgs.). *A Economia Brasileira nos Anos 1990*, BNDES, Rio de Janeiro, 1999. As mudanças na estrutura produtiva e o modelo de desenvolvimento industrial foram avaliados por Regis Bonelli e Robson Gonçalves em *Padrões de Desenvolvimento Industrial no Brasil: Passado e Futuro*, in CNI, *O Futuro da Indústria no Brasil e no Mundo*, Campus, Rio de Janeiro, 1999 (cap. 6). Este mesmo livro contém o capítulo *Esgotamento Versus Continuidade na Indústria Brasileira*, de Antonio Barros de Castro (cap. 7). Neste contexto de mudanças, discutem-se aspectos relacionados à especialização produtiva e a desnacionalização da indústria, vinculados ao ingresso da investimento direto estrangeiro com Luciano Coutinho em *A especialização regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização*, in João Paulo dos Reis Velloso (org.), *Brasil: Desafios de um país em transformação*, José Olympio, rio de Janeiro, 1977; Mariano Laplane e Fernando Sarti em *Novo Ciclo de Investimentos e Especialização Produtiva*, in João Paulo dos Reis Velloso (org.), *O Brasil e o Mundo no Limiar do Novo Século*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1998, vol. II.

Entre os trabalhos que analizam os efeitos da privatização na indústria, destacam-se os de Marcelo Pinho e José Maria da Silveira: "*Privatização e Estratégias Corporativas: uma Análise da Experiência Brasileira no período 1990-1994"*, em *Nova Economia*, 8 (2), dezembro de 1998 e "*Os Efeitos da Privatização sobre a Estrturura Industrial da Siderurgia Brasileira"*, em *Economia e Sociedade*, junho de 1998.

No que se refere às questões regionais, do ponto de vista da distribuição geográfica da produção industrial: Wilson Cano, *"Concentração e Desenvolvimento Regional no Brasil, 1970-1995"*, em *Economia e Sociedade*, 6 (1), julho de 1997; Clélio Campolina Diniz, *"Desenvolvimento Poligonal no Brasil: nem Desconcentração, nem Contínua Polarização"*, em *Nova Economia*, 6 (1), julho de 1996; Carlos Cavalcanti e Sérgio Prado, *Aspectos da Guerra Fiscal no Brasil*, FUNDAP, São Paulo, 1997.

Os impactos das reformas econômicas e institucionais sobre o emprego, produtividade, relações de trabalho, distribuição de renda e pobreza, são discutidos, entre outros, em: Marcio Pochmann, *O Trabalho e as recentes transformações Econômicas no Brasil*, in Carlos Aníbal Nogueira da Costa e Carlos Alberto Arruda (orgs.). *Em Busca do Futuro: Competitividade no Brasil*, Campus, Rio de Janeiro, 1999 (cap. 9); José Márcio Camargo, Marcelo Néri e Maurício cortez Reis, *Emprego e Produtividade no Brasil na década de 1990*, in Renato Baumann (org.). *Brasil: Uma Década em Transição*, Campus, Rio de Janeiro, 1999 (cap. 7).

6. A multinacionalização das empresas brasileiras

Quando se tratava de entender o processo de internacionalização das empresas em relação à América Latina e ao Brasil, buscava-se compreender a vinda de multinacionais europeias, japonesas, norte-americanas... que se instalaram nesta parte do continente. Nos últimos anos, temos assistido ao fenômeno da formação de multilatinas que também passaram a ter uma atuação no cenário mundial. Levantamento feito pela consultoria Boston Consulting Group mostrou que em 2010 havia 115 multinacionais de origem latina, com receitas totais acima de 500 milhões de dólares cada uma. O Brasil liderava a lista, com 37 empresas, seguido por grupos do México e Argentina[28].

---

[28] www.exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/104402/noticias/a-vez-das-multilatinas Consultado em 15 ago. 2016. Já existe também uma extensa bibliografia analisando o papel das multilatinas. Entre este material destacamos os que seguem e que, nas bibliografias mencionadas nos respectivos textos, complementam as publicações a respeito. ANDREFF, Wladimir. *Multinacionais Globais*. Bauru: Edusc, 2000; BISANG, Roberto; FUCHS, Mariana; KOSACOFF, Bernardo. *Internacionalización y desarollo industrial: inversiones externas directas de empresas industriales argentinas*. Documento de trabajo, 1992, n. 43; CASANOVA, Lourdes. *Las multinacionales emergentes globales de Latinoamérica*. In. MALAMUD, Carlos et al. (ed). Anuario Iberoamericano. Madrid: Editorial Pirámide, 2010, p. 35-47; CEPAL. *La inversión extranjera en América Latina y el Caribe*. Santiago: Cepal, 2006; CHUDNOVSKY, Daniel; LÓPES, Andrés. *Las empresas multinacionales de América Latina. Características, evolución y perspectivas*. In CHUDNOVSKY, Daniel; KOSACOFF,

Como vimos nas citações acima, diversos pesquisadores de diferentes nacionalidades interessaram-se em pesquisar e publicar a respeito do processo de internacionalização das multilatinas. No caso brasileiro, formaram-se centros de pesquisa com diversas finalidades. Ao mesmo tempo em que se preocupam com a formação de lideranças, através de cursos lacto e stricto sensu, também buscam criar indicadores, promover eventos de pesquisa e divulgação do conhecimento, assim como editar livros e revistas especializadas na área de internacionalização de empresas. Destacamos aqui apenas três exemplos: a Fundação Dom Cabral, o COPPEAD e a SOBEET.

6.1 Fundação Dom Cabral

A Fundação Dom Cabral – FDC - foi criada em Belo Horizonte em 1976, como instituição autônoma e sem fins lucrativos. Comprometida com a excelência na educação executiva, a FDC exerce suas atividades no Brasil e no exterior, muitas vezes em cooperação com instituições locais, por meio da sua rede de alinaças internacionais[29].

De acordo com informações de seu site, a FDC é uma escola de negócios brasileira com padrão e atuação internacionais de desenvolvimento e capacitação de executivos, empresários e gestores públicos. Em 2016 a FDC foi eleita, pelo 11º ano

---

Bernardo; LÓPES, Andrés (ed.). *Las multinacionales latinoamericanas: suas estrategias en un mundo globalizado*. Buenos Aires: FCE, 1999, p. 350-385; CUERVO-AZURRA, Alvaro. *Liberalización económica y multilatinas. Globalization, competitiveness and governability*, vol. 1, n. 1, 2007, p. 66-87; DALLA COSTA, Armando; GELINSKY JUNIOR, Eduardo; WICHINEVSKY, Mariana. *Multinationals from emerging countries: Internationalization of Brazilian Companies Between 1970 to 2013*. Apuntes, v. XLI, 2014, p. 9-46; DALLA COSTA, Armando; GARCIA, Junior Ruiz; SOUZA SANTOS, Elson; ATHIA, Felipe. *Internacionalização de empresas brasileiras. Teoria e experiências*. Curitiba: Juruá, 2012; FERREIRA RIBEIRO, Fernanda Cecília. *Born Globals Brasileiras: O estudo da internacionalização de empresas de base tecnológica*. Tese de doutorado. FEA/USP, 2012; GONÇALVES, Reinaldo. *Empresas transnacionais e internacionalização da produção*. Petrópolis: Vozes, 1992; HABERER, Pablo; KOHAN, Adrian. *Building global champions in Latin America*. The Mackinsey Quarterly. Special edition: Shaping a new agenda for Latin America. 2007, p. 1-9; KOSACOFF, Bernardo. *El caso argentino*. In CHUDNOVSKY, Daniel; KOSACOFF, Bernardo; LÓPES, Andrés (ed.). *Las multinacionales latinoamericanas: sus estrategias en un mundo globalizado*. Buenos Aires: FDC, 1999, p. 67-164; MARTINEZ, Alonso; SOUZA, ivan; LIU, Francis. *Multinationals vs. Multilatinas: Latina America's great race*. Strategy and Business, n. 32, 2003, p 1-12; SANTOS, Leandro. *Estado, industrialização e os espaços de acumulação das multilatinas*. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista, 2012; SPOSITO, Eliseu; SANTOS, Leandro. *O capitalimo industrial e as multinacionais brasileiras*. São Paulo: Outras Expressões, 2012; WELLS, Christopher. *Brazilian multinationals*. Columbia Journal of World Business, vol. 23, n. 4, 1988, p. 13-23; WHITE, Eduardo; CAMPOS, Jaime; ONDARTS, Guillermo. *Las empresas conjuntas latinoamericanas*. Instituto para la integración de América Latina, n. 1, 1977, p. 1-26.

[29] www.fdc.org.br/sobreafdc/conhecaafdc/Paginas/default.aspx Consultado em 15 ago. 2016.

consecutivo, a melhor escola de negócios da América Latina, segundo o ranking de educação do jornal britânico Financial Times. O mesmo veículo destacou que a FDC ocupa o 17º lugar no ranking geral que classifica as melhores escolas de negócios do mundo, alcançando a 10ª colocação nos programas abertos e a 28ª posição nos programas customizados.

Para desenvolver pesquisas a respeito da internacionalização das empresas a FDC possui alianças internacionais com duas escolas de negócios: INSEAD, na França e Kellogg School of Management, nos Estados Unidos, além de promover a cooperação com diversas outras escolas em todos os continentes[30]. Atualmente, cerca de 35 mil executivos de empresas de médio e grande portes passam pelos Programas da FDC, que são ofertados nos diferentes campi da instituição em todo país, através da rede de associados regionais, cujos endereços e contatos podem ser acessados no site da instituição.

Do ponto de vista da pesquisa, a FDC colabora, entre outras pesquisas e publicações, com a elaboração do *Ranking FDC das Multinaicionais Brasileiras*, elaborado pelo *Núcleo de Estratégia e Negócios Internacionais.* A pesquisa apresenta um panorama da internacionalização das empresas brasileiras, mostrando os países e as regiões onde elas estão presentes, o respectivo desempenho e as expectativas futuras, além das tendências quanto à expansão, estabilidade ou retração das operações. Seu conteúdo pode ser acessado em: www.fdc.org.br/blogespacodialogo/Documeents/2015/ranking_fdc_multinacionais_brasileiras2015.pdf

6.2 COPPEAD

O Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro - COPPEAD, Escola de Negócios foi concebido por um grupo de professores do Programa de Engenharia de Produção da Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia (Coppe/UFRJ), fruto de um projeto de criação, no Brasil, de uma escola de pós-graduação em negócios. Está localizado em edifício próprio no campus Ilha do Fundão da UFRJ e formou mais de 7.000 gestores, 1.300 mestres e 60 doutores em seus programas. É a única escola de negócios

[30] No endereço: www.fdc.org.br/sobreafdc/conhecaafdc/Paginas?Aliancas-Internacionais.aspx podem ser consultadas as diversas escolas e programas com os quais a FDC mantém parcerias internacionais e seus respectivos conteúdos.

associada a uma universidade pública brasileira que detém certificação internacional, cujo mestrado, público e gratuito, é o único da América Latina listado entre os 100 melhores do mundo pelo ranking do jornal inglês Financial Times[31].

Em 1982 lançou o primeiro MBA Executivo de longa duração no Brasil e, em 1989 passou a oferecer seu programa de Doutorado em tempo integral. Em 1994 lançou cursos de especialização em marketing, finanças, logística, saúde e energia. Em 2006 o Coppead deu um passo decisivo no seu processo de internacionalização conquistando o selo de certificação internacional European Quality Improvement System. Tornou-se, em 2008, membro da Alianza Latinoamericana de Escuelas de Negocios, com o objetivo de difundir conhecimento das especificidades do ambiente de negócios lationamericano.

Se de um lado o COPPEAD oferece cursos de capacitação, tanto no âmbito lacto como stricto sensu, de outro, realiza pesquisas e divulga o conhecimento através de diversos canais, como: i) Boletim Economia e Conjuntura; ii) Revista Latin American Business Review; iii) livros; iv) Panorama Logístico; v) Relatórios Coppead; vi) assim como as demais instituições que oferecem cursos stricto sensu, disponibiliza as dissertações e as teses online para consulta pública.

6.3 SOBEET

A SOBEET – Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização Econômica é uma entidade civil, apartidária, sem fins lucrativos e de caráter técnico-científico. “Sua missão é elaborar análises que se tornem referência para os debates acadêmicos e da opinião pública acerca dos efeitos do processo de globalização produtiva sobre a economia brasileira”[32].

Foi fundada em agosto de 1994, no Rio de Janeiro, por um grupo de pesquisaodres, como os economistas Octávio de Barros, Renato Baumann e Carlos Mussi, além de profissionais da área pública e privada, diplomatas, empresários, técnicos de sindicatos e representantes de Câmaras de Comércio, entre outros. O grupo tinha como objetivo estabelecer um fórum permanente de debates, estudos e reflexão sobre a questão da inserção internacional de diferentes economias,

---

[31] Outras informações a respeito do COPPEAD podem ser obtidas em seu site: www.coppead.ufrj.br/upload/documentos/fatos_numeros_2015.pdf

[32] www.sobeet.org.br/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=2 consultado em 15 ago. 2016.

notadamente daquelas em desenvolvimento. Inescapavelmente, o Brasil é o espaço econômico onde a maior parte dos interesses de análise converge. Não obstante, a intenção foi construir um fórum de reflexão que concentra suas atividades no debate sobre as tendências do processo de globalização econômica e seus impactos sobre as economias nacionais indiscriminadamente. Neste sentido, um dos principais objetos de estudo e de debate são as empreas transnacionais e os fluxos financeiros, tecnológicos e comerciais por elas veiculados.

Entre as atividades principais da SOBEET destacam-se: a Carta da Sobeet, uma publicação bimestral que faz estudos aprofundados de temas referentes à globalização e ao acompanhamento do balanço de pagamentos e dos fluxos internacionais de capitais nas suas diferentes modalidades, recebida por leitores no Brasil e no exterior. Seu conteúdo pode ser acessado em: www.sobeet.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=16

Outra atividade é a publicação mensal do Boletim Sobeet, voltado para temas de conjuntura relativos ao setor externo, tais como fluxos de investimentos estrangeiros e de balança comercial. Dessa forma, o universo temático da publicação inclui a avaliação das contas externas brasileiras, os movimentos gerais da conjuntura econômica internacional que repercutem na solvência externa do Brasil, além de eventuais análises sobre o desempenho externo de alguns países que traga potenciais desdobramentos sobre a economia brasileira. Seu conteúdo pode ser acessado em: www.sobeet.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=17

Uma terceira atividade é a publicação de livros, dentre os quais destacam-se: i) *Internacionalização das empresas brasileiras: motivações, barreiras e demandas de políticas públicas*; ii) *Internacionalização de empresas: experiências selecionadas*; iii) *Internacionalização de empresas brasileiras*; iv) *Desnacionalização: mitos, riscos e desafios*; v) *O Brasil e os desafios da globalização*; vi) *O Brasil e a economia global*. Todo este material pode ser consultado em: www.sobeet.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=18

Trata-se de livros originários de pesquisas empíricas e voltados, sobretudo, para atender a demandas específicas de setores empresariais, mas também servem para entender o papel, a importância e a atuação das empresas brasileiras no cenário global.

A atividade de pesquisa é outra vertente do trabalho da SOBEET. Como exemplo pode-se mencionar o livro intitulado: *Multinacionais Brasileiras. O Ranking*

das mais Internacionalizadas. O material retrata o comportamento tecnológico das empresas, destacando o papel da internacionalização das firmas brasileiras.

A SOBEET também realizou uma série de eventos, como: i) Apresentação do World Investment Report 2013 – Unctad/Sobeet, em junho de 2013; ii) Internacionalização de Empresas Brasileiras – Amcham/Sobeet, Janeiro de 2013; iii) O Brasil em meio às transformações do cenário internacional – Fecomércio/Sobeet, em novembro de 2012; iv) Conjuntura externa e desafios da internacionalização – Sobeet, em maio de 2009.

7. Considerações finais: balanço e agenda pendente

O conteúdo das páginas precedentes permite-nos concluir que a história de empresas no Brasil não só se desenvolveu, como consolidou-se em um importante campo de estudos, pesquisas, centros de produção e divulgação deste conhecimento. No comparativo com o âmbito internacional, o desenvolvimento da história de empresas no Brasil, ganhou contornos que podem comparar nossos estudos com o que é feito nos demais países da América Latina, com destaque para o México, a Colômbia e a Argentina, apesar de, nestes três países, a historiografia empresarial estar mais detalhada e aprofundada contando, ainda, com um volume mais relevante de estudos feitos.

Merecem destaque também a contribuição de centros de pesquisa, instituições públicas e/ou privadas que colaboraram, recentemente, com o desenvolvimento da história empresarial. Como vimos ao longo do texto, sobressaem-se a ABPHE e as demais associações latinoamericanas que promoveram não só pesquisas, como a organização de congressos nacionais e internacionais e a publicação de livros e revistas. Do ponto de vista da qualificação de executivas(os) e da organização de dados práticos, assim como de indicadores, destacam-se o COPPEAD, a Fundação Dom Cabral e a SOBEET.

Não foi discutido no texto mas os estudos monográficos provenientes dos cursos de pós-graduação stricto sensu nas áreas de economia, história, administração, engenharia, entre outros, deram uma importante contribuição, nos anos recentes, para o estudo do histórico das firmas brasileiras, assim como para seu processo de internacionalização. Como estes centros de pós-graduação, tanto de universidades públicas como particulares, em parte pelas exigências da Capes, buscam a excelência, apresentam-se como um caminho importante no campo dos estudos de caso e, quem

sabe, na elaboração de teorias e metodologias próprias para a análise da história de empresas a partir de nossa realidade[33].

Apesar destes avanços, creio que permanecem diversos dilemas e questões pendentes[34]. Houve muitos estudos de caso, incentivados tanto pelos novos programas de pós-graduação em história, economia, ciências sociais, administração, engenharia, entre outros, como por estudos de empresas e/ou empresários individuais. Estes estudos de caso são muito úteis no âmbito da reflexão sobre problemas concretos, como espaços nos quais se podem perceber claramente as estratégias dos atores, inclusive com acesso a fontes empíricas, mas também têm suas limitações. Uma delas é que sempre existe o risco de que não passem de simples descrições. Outra é que, somente a partir de uma perspectiva comparada torna-se possível perceber a relevância e a especificidade de cada caso. Os estudos organizados a partir de temas tornariam possível aprofundar as análises das formas de propriedade, organização e gestão das empresas, das relações sociais no seio das firmas, das culturas da empresa, dos processos de inovação e diversas outras questões.

Também seria útil a comparação de trajetórias de firmas dentro de um mesmo setor. Os trabalhos de síntese permitiram pensar a história das empresas e empresários em uma perspectiva de longo prazo e integrar os estudos do Período Colonial e da Primeira República com os estudos das empresas do tempo da "substituição de importações", da implantação da indústria pesada no país e do período mais recente quando, diversas multinacionais brasileiras inseriram-se no âmbito internacional acompanhando a experiência de outras multilatinas.

Em segundo lugar, seria positivo aprofundar a interação entre a história de empresas e a teoria. Isso requer um maior interesse do conjunto dos pesquisadores na análise de aspectos teóricos e metodológicos, porém também uma maior disposição para usar conceitos, checar sua validade para elaborar marcos analíticos que reflitam as características próprias da análise local, ou seja, das empresas brasileiras. Para que esta reflexão teórico-metodológica seja possível, seria necessário fortalecer os vínculos com outras historiografias tanto latino-americanas, norte-americanas, europeias, asiáticas, cujo trabalho está sendo facilitado pelas publicações de novas e

---

[33] Tais Dissertações de Mestrado assim como as Teses de Doutorado podem ser consultadas nos sites dos respectivos programas de Pós-Graduação das instituições de ensino.

[34] Boa parte destas reflexões finais seguiram, em alguma medida, as conclusões do texto de Maria Inés Barbero (2008, p. 63-65).

importantes revistas, como por livros inovadores, assim como pelo acesso cada vez mais disponível de documentos, arquivos e materiais nos meios de comunicação online.

Há também assuntos e temas que permanecem por ser estudados. Ou por falta de informações primárias (dados) ou por uma predominância no estudo de grandes empresas ou conglomerados industriais ou da área de serviços. Entre os temas pendentes, podemos mencionar estudos pormenorizados a respeito das micro e pequenas empresas. Estas, além de serem a grande maioria no conjunto total das firmas, também são responsáveis pela produção de mercadorias e serviços chaves para nosso dia-a-dia, assim como respondem por um significativo número de empregos formais diretos e indiretos.

Discutiu-se e estudou-se pouco, no Brasil, sobre o setor terciário da economia e as empresas envolvidas nele. Como exemplo, podemos mencionar as empresas do setor de comunicações (exceção feita à biografia de Assis Chateaubriand, de Fernando Morais), as companhias de seguros, as firmas ligadas ao turismo, às áreas da saúde, do transporte aéreo (apesar de haver alguns estudos neste caso), da construção civil, da mineração.

Tampouco se estudaram com a devida profundidade necessária as empresas e empresários do mundo rural e do agronegócio. Há, evidentemente, estudos sobre as antigas fazendas de açúcar, café e mineração, mas as novas empresas do agronegócio recente, como soja, algodão, milho, trigo, café, gado bovino, aves, produção de peixes... carecem de estudos melhor elaborados, tanto “dentro da porteira”, das fazendas em si mesmas, como “fora da porteira”, das firmas que fornecem máquinas, insumos e ferramentas para a produção agrícola e agropecuária e das empresas que transformam os produtos primários do agronegócio em alimentos prontos para o consumo.

O setor de transportes e logística foi estudado sobretudo a partir das ferrovias. No entanto, as rodovias e o sistema aquaviário (rios e navegação costeira, assim como navegação internacional) ainda dependem de pesquisas mais elaboradas e que contribuam tanto para entender o fenômeno dos transportes a nível nacional e internacional, como para elaborar sugestões de políticas governamentais, a nível nacional, estadual e municipal para uma integração mais eficiente entre os diferentes modais logísticos.

Fenômenos característicos das últimas décadas, várias firmas recuperadas e muitas vezes transformadas em cooperativas ou gerenciadas por antigos funcionários também não foram suficientemente estudadas. Igualmente insuficientes são os estudos a respeito das firmas da economia informal. Também permanece ainda o desafio da produção de boas e muitas biografias de empresários. As que existem, na sua maioria são escritas por jornalistas (falta a contribuição de historiadores, economistas, sociólogos, engenheiros...) ou encomendadas pelos próprios empresários. Os dicionários biográficos, do mesmo modo, são muito escassos no Brasil.

Outro exercício salutar seria o de comparar os temas investigados a nível local com aqueles que se desenvolvem em outros países. Isso permitira constatar que algumas questões que ocupam um lugar de destaque na agenda internacional de pesquisas, como o estudo sobre a cultura da firma, gênero e empresa, governança corporativa, firmas de consultoria, escolas de negócios estão sendo pouco estudados no Brasil (salvo algumas exceções).

Mencionamos, por fim, a falta de estudos em fontes primárias disponibilizadas pelas grandes empresas através dos Centros de Memória Empresarial. Nas últimas décadas grandes filiais de multinacionais, como Bunge, Nestlé, Volkswagen, Bosch, para citar apenas algumas, assim como grandes conglomerados nacionais, a exemplo de Votorantim, Rede Globo, Itaú, Gerdau, Odebrecht, Weg, novamente citando apenas os mais conhecidos, assim como as estatais Petrobras, Banco do Brasil, entre outras, ou então centros de memória por área de atuação a exemplo do Centro de Memória da Anfávea, que congrega documentos de todas as empresas do setor automotivo, constituíram verdadeiros *centros de memória*. Tais documentações estão disponíveis, em parte online, mas na sua grande maioria em papel, imagens (fotos, filmes), revistas internas das empresas, livros diversos sobre as firmas, atas, relatórios anuais, entre outros. Este tipo de documentação apresenta dois gêneros de desafios. O primeiro está relacionado ao acesso a estes documentos. No entanto, a ABPHE tem feito um esforço de aproximação com estes centros de memória e diversos estão dispostos a pemitir acesso à documentação para fins de pesquisas históricas. O segundo desafio é o trabalho que dá acessar esta documentação e fazer a devida crítica às fontes e, depois, transformar dados primários brutos em tabelas, gráficos, quadros, mapas, organogramas que possam contribuir na reconstituição da história de nossos maiores conglomerados econômicos.

A ABPHE poderia, quem sabe, encabeçar um grande projeto a nível nacional, junto aos principais centros de pós-graduação em história, economia, sociologia, administração, antropologia... e produzir dezenas, quem sabe centenas, de dissertações e teses. Esta pesquisa permitiria uma série de trabalhos monográficos a partir de fontes primárias que, num segundo momento possibilitaria avanços mais significativos na comparação com outros países da América Latina e avanços na discussão teórico metodológica de ferramentas mais apropriadas para a compreensão das empresas individuais, dos grupos econômicos brasilerios e lationamericanos.

Referências bibliográficas

ALDRIGHI, D. M.; POSTALI, F. A. S. *Business groups in Brazil*. In: COLPAN, A. M.; HIKINO, T.; LINCOLN, J. R. **The Oxford Handbook of business groups**. Oxford University Press, Oxford, 2010.

BAER, Werner. **The Development of the Brazilian Steel Industry**. Nashville, Tennessee: Vanderbilt University Press, 1969, 202p.

BAER, Werner. **A Industrialização e o Desenvolvimento Econômico no Brasil**. 7.ed. aumentada. Rio de Janeiro: FGV,1988 (Tradução de Paulo de Almeida Rodrigues), 665p.

BARBERO, M. I. *Historiografía y problemas de la historia de empresas*. In: BARBERO, M. I. **Historia de empresas**: aproximaciones historiográficas y problemas en debate. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1993.

BARBERO, M. I.; ROCCHI, F. *Cultura, Sociedade, economia y nuevos sujetos de la historia: empresas y consumidores*. In: BRAGONI, B. **Microanálisis**: ensayos de historiografía argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2004.

BARBERO, M. I. *La historia de empresas em la Argentina*: trayectoria y temas em debate en las últimas dos décadas. In: GELMAN, J. **La historia económica argentina en la encrucijada**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

BARBERO, Maria Inés; JACOB, Raúl (eds.). **La nueva historia de empresas en América Latina y España**. Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 2008.

BARBERO, M. I. *Los grupos económicos en la Argentina en una perspectiva de largo plazo (siglos XIX y XX).* In: JONES, G.; LLUCH, A. **El Impacto Histórico de la globalización en Argentina y Chile**: empresas y empresarios. Buenos Aires: Temas, 2011.

CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil 1930-1970**. São Paulo: Global/Campinas: Unicamp, 1985.

CHANDLER, A. D. **Strategy and structure**: chapters in the history of the industrial enterprise. Cambridge: The MIT Press, 1962.

CHANDLER, A. D. **The visible hand**: the managerial revolution in American business. Cambridge, MA: Belknap Press, 1977.

CHANDLER, A. D. **Scale and scope**: the dynamics of industrial capitalism. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 1990.

CHANDLER, A. D. **Alfred Chandler**: Ensaios para uma teoria histórica da grande empresa. Thomas K. Mc Craw (org.). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo, SP: Xamã, 1996.

COLPAN, A. M.; HIKINO, T.; LINCOLN, J. R. **The Oxford Handbook of business groups**. Oxford University Press, Oxford, 2010, Introduction.

COSTA COUTO, Ronaldo. **Matarazzo. A travessia**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004, vol. I.

COSTA COUTO, Ronaldo. **Matarazzo. Colosso brasileiro**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004, vol. II.

COUTINHO, Luciano; FERRAZ, João Carlos (coord.). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. 3.ed. Campinas: Papirus/Editora Unicamp, 1995.

DALLA COSTA, Armando. *História e historiografia empresarial: acesso e utilização de arquivos e fontes*. In: DALLA COSTA, Armando; GRAF, Márcia E.C. (orgs.). **Estratégias e desenvolvimento urbano e regional**. Curitiba: Juruá, 2004, p. 121-141.

DALLA COSTA, Armando. *La historia de empresas en Brasil en el comienzo del tercer milenio*. In: BARBERO, María Inés; JACOB, Raúl (eds.). **La nueva historia de empresas en América Latina y España**. Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 2008, p. 83-108.

DALLA COSTA, Armando; SBICCA FERNANDES, Adriana; SZMRECSÁNYI, Tamás (orgs.). **Empresas, empresários e desenvolvimento econômico no Brasil**. São Paulo: ABPHE/Hucitec, 2008.

DALLA COSTA, Armando; GARCIA, Junior Ruiz; SOUZA SANTOS, Elson; ATHIA, Felipe. **Internacionalização de empresas brasileiras. Teoria e experiências**. Curitiba: Juruá, 2012.

DALLA COSTA, Armando; GELINSKY JUNIOR, Eduardo; WICHINEVSKY, Mariana. *Multinationals from emerging countries: Internationalization of Brazilian companies between 1970 to 2013*. **Apuntes**, v. XLI, 2014, p. 9-46.

FEIJÓ, C. A.; VALENTE, E. A firma na teoria econômica e como unidade de investigação estatística evolução nas conceituações. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, 8(2): 351-376, jul./dez. 2004.

DEAN, Warren. **A Industrialização de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1971.

FERRAZ, João Carlos; KUPFER, David; HAGUENAUER, Lia. **Made in Brazil. Desafios competitivos para a indústria**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GONÇALVES, R. Grupos econômicos: uma análise conceitual e teórica. **Revista Brasileira de Economia**, v. 45, n. 4, p. 491-518, out./dez. 1991.

GRANOVETTER, M. Coase Revisited: Business Groups in the Modern Economy. **Industrial and Corporate Change**, vol. 4, number 1, 1995.

GRANOVETTER, M. *Business Groups*. In: SMELSER, N.; SWEDBERG, R. **The Handbook of Economic Sociology**, Princeton University Press, Princeton, 2. Ed., 2005.

KHANNA, T.; YAFEH, Y. Business Groups in Emerging Markets: Paragons or Parasites? **Journal of Economic Literature** Vol. XLV (June 2007), pp. 331–372.

KIM, D.; KANDEMIR, D.; CAVUSGIL, S. T. The role of family conglomerates in emerging markets: what western companies should know. **Thunderbird international business revie**w, v. 46, p. 13 – 38, jan/feb 2004.

LEWIS, Colin M. "A indústria na América Latina, 1850-1930", in: BETHL, L. (ed.). **História da América Latina, 1870-1930**. São Paulo: Edusp, 2002, p. 111-117.

LEWIS, Colin M. "Business History in Brazil from the Mid-Ninenteenth century to 1945" in: DÁVILA, Carlos; MILLER, Roy (eds.). **Business History in Latin America: The Experience of Seven Countries**. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.

MALCZEWSKI, Marcel. Cofundador da empresa Bematech S/A. **Diário de um empreendedor**. São Paulo: Évora, 2015.

MARCOVITCH, Jacques. **Pioneiros & Empreendedores. A saga do desenvolvimento no Brasil**. São Paulo: Saraiva/Edusp, 2007, vol. III.

MARCOVITCH, Jacques. **Pioneiros & Empreendedores. A saga do desenvolvimento no Brasil**. São Paulo: Saraiva/Edusp, 2005, vol. II.

MARCOVITCH, Jacques. **Pioneiros & Empreendedores. A saga do desenvolvimento no Brasil**. São Paulo: Saraiva/Edusp, 2003, vol. I.

MARICHAL, Carlos. La nueva historiografia sobre las empresas en México. In: BARBERO, Maria Ines; JACOB, Raúl (orgs.). **La nueva história de empresas en América Latina y España**. Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 2008, p. 141-168.

MORAIS, Fernando. **Chatô. O rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAIS, Fernando. **Montenegro**: as aventuras do marechal que fez uma revolução nos céus do Brasil. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

OLIVARES, Javier Vidal. La historia empresarial en España y sua desarollo reciente: un enfoque historiografico. In: BARBERO, Maria Inés; JACOB, Raúl (eds.). **La nueva historia de empresas en América Latina y España**. Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 2008, p. 17-46.

OLIVEIRA, V. R. F.; MASIERO, G. As referências a Alfred Chandler Jr. na produção científica de Administração no Brasil: um estudo bibliométrico das teses da FEA/USP e EAESP/FGV (2000-2010). **XIV SemeAd**, FEA-USP, outubro de 2011.

PENROSE, E. **A teoria do crescimento da firma**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1959], 2006.

REIS VELOSO, João Paulo dos (org.). **A nova estratégia industrial e tecnológica: o Brasil e o mundo da III Revolução Industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro, Zahar, [1942], 1984.

SILVA, S. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. 8.ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1995.

SLOAN, Alfred. **Meus anos com a General Motors**. São Paulo: Editora Negócio, 2001.

SUZIGAN, W. **Indústria Brasileira: origem e desenvolvimento**. São Paulo: Hucitec/ Ed. Unicamp, 2000.

SUZIGAN, Wilson. *Industrialização brasileira em perspectiva histórica*. **História Econômica & História de Empresas**. Hucitec/Abphe, São Paulo, vol. III, 2000, p. 7-27.

SUZIGAN, Wilson (ed.). **Indústria: política, instituições e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1978.

TIGRE, P. B. Inovação e teorias da firma em três paradigmas. **Revista de economia contemporânea**, nº 3 jan. – jun. de 1998.

TONINELLI, P. A. *Business history as a field of research*: the european perspective. In: Szmrecsanyi, T.; Maranhão, R. **História de empresas e desenvolvimento econômico**. São Paulo: Hucitec ; FAPESP, 1996.

VALDALISO, J. M.; LOPEZ, S. *¿Sirve para algo la historia empresarial?* In: ERRO, C. **Historia Empresarial**: Pasado, Presente y Retos de Futuro. Barcelona: Ariel Empresa, 2003.